



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1674803

Aula de campo no Musa: teoria e prática no ensino de geografia

Hadassa Maria Beckmam Lira¹

Resumo

Este relato de experiência apresenta uma atividade de aula de campo realizada no Museu da Amazônia (MUSA), em Manaus-AM, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), envolvendo estudantes da 3ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Ruy Araújo. A proposta teve como objetivo integrar teoria e prática no ensino de Geografia por meio da observação direta da paisagem amazônica, permitindo que os estudantes relacionassem os conteúdos trabalhados em sala de aula com a realidade vivenciada durante a visita. A atividade possibilitou a compreensão dos elementos naturais e das relações entre sociedade e natureza, estimulando a construção do pensamento geográfico e a percepção crítica sobre o espaço amazônico. Os registros realizados pelos estudantes demonstraram que a experiência contribuiu significativamente para a aprendizagem, tornando os conteúdos mais concretos e favorecendo a valorização dos espaços não formais de educação. Além disso, a atividade fortaleceu a formação inicial docente dos bolsistas do PIBID, evidenciando a importância das aulas de campo para o ensino de Geografia.

Palavras-chave: Aula de campo; Ensino de Geografia; MUSA; PIBID; Amazônia.

Field Trip at Musa: Theory and Practice in Geography Education

Abstract

This experience report presents a field trip activity conducted at the Museum of the Amazon (MUSA) in Manaus, Amazonas, as part of the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID), involving 3rd-year high school students from Ruy Araújo State School. The initiative aimed to integrate theory and practice in Geography education through direct observation of the Amazonian landscape, enabling students to connect classroom content with the reality experienced during the visit. The activity fostered an understanding of natural elements and the relationships between society and nature, stimulating the development of geographical thinking and a critical perspective on Amazonian space. Records made by the students demonstrated that the experience contributed significantly to learning, making the subject matter more tangible and highlighting the value of non-formal educational settings. Furthermore, the activity strengthened the initial teacher training of the PIBID scholarship recipients, underscoring the importance of field trips in Geography education.

¹ Graduanda de Licenciatura em Geografia, UFAM - Universidade Federal do Amazonas, hadassa.lira@ufam.edu.br



ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1674803

Keywords: Field trip; Geography education; MUSA; PIBID; Amazonia.

Introdução

O ensino de Geografia tem como uma de suas principais finalidades possibilitar que os estudantes compreendam criticamente o espaço geográfico, reconhecendo-o como resultado das constantes relações estabelecidas entre sociedade e natureza ao longo do tempo. Entretanto, ainda é comum que o processo de ensino-aprendizagem permaneça centrado em metodologias expositivas, restringindo-se ao ambiente da sala de aula e ao uso exclusivo do livro didático. Embora esses recursos sejam importantes, muitas vezes não são suficientes para proporcionar uma aprendizagem significativa, especialmente quando os conteúdos abordam fenômenos naturais, paisagens e processos espaciais que podem ser observados diretamente pelos estudantes. Como consequência, diversos conceitos acabam sendo compreendidos apenas de maneira abstrata, dificultando a construção do raciocínio geográfico e o estabelecimento de relações entre teoria e realidade.

Diante desse cenário, a aula de campo destaca-se como uma importante estratégia metodológica para o ensino de Geografia, uma vez que possibilita a aproximação entre os conhecimentos científicos trabalhados em sala de aula e a realidade vivenciada pelos estudantes. Ao observar diretamente os elementos da paisagem, o aluno passa a compreender que o espaço geográfico não é apenas um conteúdo presente nos livros, mas uma construção dinâmica, produzida pelas interações entre os aspectos naturais e as ações humanas. Conforme afirma Callai (2005, p. 112), "o espaço precisa ser vivido, experimentado e problematizado para que o conhecimento geográfico faça sentido ao aluno", evidenciando que a aprendizagem ocorre de maneira mais significativa quando está relacionada às experiências concretas dos sujeitos.

Nessa perspectiva, os espaços não formais de educação assumem relevante papel no processo educativo, pois ampliam as possibilidades de aprendizagem ao oferecer experiências que dificilmente seriam reproduzidas dentro da escola. Museus, parques, reservas ambientais e centros de pesquisa constituem ambientes privilegiados para o desenvolvimento de práticas investigativas, da observação sistemática e da educação científica, favorecendo uma aprendizagem mais participativa, interdisciplinar e contextualizada.

No contexto amazônico, essa abordagem torna-se ainda mais relevante. Apesar de viverem na maior floresta tropical do planeta, muitos estudantes conhecem a Amazônia apenas por meio de imagens, textos e conteúdos didáticos, sem oportunidades de observar diretamente sua biodiversidade, sua estrutura vegetal e os processos naturais que caracterizam esse ambiente. Dessa forma, proporcionar experiências em espaços



ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1674803

como o Museu da Amazônia (MUSA) representa uma oportunidade de aproximar os estudantes de seu próprio território, permitindo que reconheçam a importância da floresta para o equilíbrio climático, para a conservação da biodiversidade e para a qualidade de vida das populações amazônicas.

Foi nesse contexto que se desenvolveu a presente experiência, realizada no Museu da Amazônia (MUSA), localizado na Reserva Florestal Adolpho Ducke, na cidade de Manaus-AM, envolvendo estudantes da 3ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Ruy Araújo. A atividade integrou as ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), política pública voltada ao fortalecimento da formação inicial de professores, permitindo que os licenciandos em Geografia participassem do planejamento, da organização, da execução e da avaliação de uma prática pedagógica desenvolvida em um espaço não formal de educação.

Além de contribuir para a aprendizagem dos estudantes da educação básica, a atividade também representou um importante momento de formação docente para os universitários, possibilitando vivenciar desafios relacionados à mediação pedagógica, à organização de aulas de campo e à articulação entre teoria e prática. Sob essa perspectiva, este relato de experiência tem como objetivo apresentar e analisar a aula de campo realizada no Museu da Amazônia, evidenciando as contribuições dessa prática para o processo de ensino-aprendizagem da Geografia.

Por fim, pretende-se demonstrar que a integração entre universidade, escola e espaços de educação não formal constitui uma estratégia relevante para qualificar o ensino de Geografia, aproximando os estudantes da realidade em que vivem e promovendo uma aprendizagem baseada na investigação, na reflexão e na construção coletiva do conhecimento.

Desenvolvimento

A atividade foi planejada previamente pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em conjunto com o professor supervisor da Escola Estadual Ruy Araújo, considerando não apenas os conteúdos previstos no planejamento didático, mas também aspectos organizacionais indispensáveis para a realização da aula de campo. Entre esses aspectos estiveram a definição dos objetivos pedagógicos, a elaboração do roteiro da visita, a organização do transporte dos estudantes, a solicitação das autorizações dos responsáveis e a preparação dos materiais necessários para os registros que seriam realizados durante a atividade. Todo esse planejamento buscou garantir que a aula extrapolasse o caráter de passeio escolar, assumindo efetivamente uma função educativa, investigativa e reflexiva.

A organização prévia permitiu que a aula de campo fosse compreendida como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, articulando os conteúdos desenvolvidos em sala de aula às experiências vivenciadas pelos estudantes em um

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1674803

espaço não formal de educação. Antes da visita ao Museu da Amazônia (MUSA), foi realizada uma aula preparatória na escola, na qual foram retomados conteúdos referentes à paisagem geográfica, clima equatorial, biodiversidade amazônica, urbanização, conservação ambiental e importância das áreas protegidas. Também foram discutidos os objetivos da atividade, enfatizando que os estudantes deveriam observar criticamente os elementos da paisagem, registrar suas percepções e estabelecer relações entre aquilo que seria observado e os conteúdos anteriormente estudados.

Nesse momento inicial, buscou-se despertar a curiosidade dos estudantes por meio de questionamentos investigativos, como: "Por que a floresta amazônica influencia o clima?", "Quais diferenças podem ser percebidas entre uma área preservada e uma área urbanizada?" e "Como a ocupação humana interfere na dinâmica da floresta?". Essas problematizações contribuíram para que os estudantes compreendessem que a observação durante a aula de campo não deveria ocorrer de forma passiva, mas orientada pela investigação e pela construção do conhecimento.

No dia da atividade, a turma deslocou-se até o Museu da Amazônia (MUSA), localizado na Reserva Florestal Adolpho Ducke, em Manaus (AM). O espaço é reconhecido por desenvolver ações voltadas à divulgação científica e à educação ambiental, possibilitando aos visitantes uma aproximação com diferentes aspectos da floresta amazônica por meio de trilhas ecológicas, exposições, viveiros e da torre de observação.

Logo no início da visita, os estudantes foram convidados a observar atentamente as características da floresta. Ainda nos primeiros minutos de caminhada, muitos relataram perceber mudanças significativas na temperatura, na luminosidade e na umidade quando comparadas ao ambiente urbano de onde haviam saído. Essas observações permitiram introduzir discussões sobre o microclima florestal, o papel da vegetação na manutenção da umidade atmosférica e os processos de evapotranspiração responsáveis pelo equilíbrio climático regional.

Ao longo das trilhas (Fig 1), foi possível observar diferentes espécies vegetais características da floresta amazônica, além de identificar elementos como cipós, árvores de grande porte, palmeiras, raízes tabulares e áreas com elevada concentração de matéria orgânica em decomposição.

Figura 1 – trilhas.



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1674803



Fonte: a autora, 2026

Durante todo o percurso, buscamos estimular os estudantes a relacionarem essas observações com os conteúdos estudados em sala, promovendo discussões acerca da biodiversidade, dos processos ecológicos e da importância da conservação desses ambientes.

Outro aspecto constantemente debatido durante a caminhada foi a relação entre sociedade e natureza. A localização do MUSA, inserido em uma área de floresta preservada cercada pelo crescimento urbano de Manaus, favoreceu reflexões sobre os conflitos existentes entre expansão das cidades e preservação ambiental. Os estudantes puderam perceber que, apesar da intensa urbanização presente no entorno da Reserva Ducke, ainda existem espaços fundamentais para a conservação da biodiversidade amazônica.

Nesse sentido, a experiência permitiu compreender o espaço geográfico como resultado das relações estabelecidas entre sociedade e natureza. Conforme afirma Milton Santos (2006, p. 63), "o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações", evidenciando que os elementos naturais não podem ser analisados isoladamente das ações humanas que constantemente transformam o território.

O ponto alto da visita ocorreu durante a subida à torre de observação do Museu da Amazônia (Fig 2).

Figura 2 - torre de observação.



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1674803



Fonte: a autora, 2026.

A estrutura, com aproximadamente 42 metros de altura, possibilitou aos estudantes visualizar o dossel da floresta amazônica, oferecendo uma perspectiva completamente diferente daquela observada ao nível do solo. Durante a subida, cada plataforma revelou mudanças graduais na vegetação, permitindo compreender a organização vertical da floresta e a distribuição dos diferentes estratos vegetais.

Ao alcançarem o topo da torre, os estudantes permaneceram por alguns minutos realizando observações e registros escritos. A ampla visão proporcionou uma compreensão concreta da dimensão da floresta amazônica, permitindo visualizar uma extensa cobertura vegetal interrompida apenas pela presença de edificações urbanas mais distantes. Esse momento favoreceu importantes discussões sobre a importância da floresta para a manutenção do equilíbrio climático, para a conservação da biodiversidade e para a regulação do ciclo hidrológico.

Diversos estudantes destacaram, em seus registros, que somente naquele momento conseguiram compreender a verdadeira dimensão da floresta amazônica, afirmando que as imagens presentes nos livros didáticos não conseguem representar adequadamente sua grandiosidade. Outros relataram surpresa ao perceber que, mesmo estando inserida em uma área urbana, ainda era possível encontrar um ambiente tão preservado.

As anotações produzidas pelos estudantes demonstraram que a experiência sensorial foi um dos aspectos mais marcantes da atividade. Muitos descreveram o intenso calor, a elevada umidade relativa do ar, os diferentes sons produzidos pela fauna, o cheiro característico da floresta e a sensação de tranquilidade proporcionada pelo ambiente

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1674803

natural. Esses elementos contribuíram para tornar a aprendizagem significativamente mais concreta, permitindo que conceitos anteriormente abstratos fossem compreendidos por meio da vivência.

Sob a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1991), experiências dessa natureza favorecem a aprendizagem ao possibilitarem que o conhecimento seja construído mediante a interação entre sujeitos, ambiente e mediação pedagógica. Como afirma o autor, "o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental" (VYGOTSKY, 1991, p. 101), evidenciando que situações reais de aprendizagem potencializam a construção de novos conhecimentos.

Durante toda a visita, os bolsistas do PIBID atuaram como mediadores do processo educativo, conduzindo questionamentos, incentivando a observação crítica e auxiliando os estudantes na interpretação dos elementos presentes na paisagem. Essa atuação permitiu desenvolver habilidades relacionadas à leitura da paisagem, ao pensamento geográfico e à construção de argumentos fundamentados nas observações realizadas durante a atividade.

Outro aspecto relevante observado foi o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes ao compararem a floresta preservada existente no interior da Reserva Ducke com a intensa urbanização existente em seu entorno.

Figura 3 - experiência de aprendizagem.



Fonte: a autora, 2026.

Essa comparação favoreceu reflexões sobre desmatamento, expansão urbana, ocupação desordenada, perda da biodiversidade e necessidade de políticas públicas voltadas à conservação ambiental.

Os estudantes também discutiram a importância dos espaços não formais de educação para a divulgação científica e para o fortalecimento da educação ambiental. Muitos relataram nunca terem visitado anteriormente o Museu da Amazônia, mesmo residindo em Manaus, demonstrando que esses espaços ainda são pouco explorados pelas escolas da região.

A atividade evidenciou ainda que a aula de campo contribui para ampliar o



ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1674803

interesse dos estudantes pelos conteúdos de Geografia, tornando-os participantes ativos da construção do conhecimento. Ao observar diretamente os fenômenos estudados em sala, os estudantes deixaram de assumir uma postura exclusivamente receptiva para desenvolver uma aprendizagem baseada na investigação, na observação e na reflexão crítica.

Embora os objetivos da atividade tenham sido alcançados, alguns estudantes destacaram como principal limitação o tempo reduzido disponível para a visita. Muitos manifestaram interesse em permanecer por mais tempo no espaço, visitar outros ambientes do museu e desenvolver atividades investigativas mais aprofundadas. Essa observação reforça o elevado potencial pedagógico do MUSA como espaço de aprendizagem e evidencia a necessidade de ampliar iniciativas dessa natureza no contexto escolar.

Considerações finais

A experiência desenvolvida no Museu da Amazônia demonstrou que a aula de campo constitui uma metodologia indispensável para o ensino de Geografia, pois promove uma efetiva integração entre teoria e prática, permitindo que os estudantes compreendam os conteúdos escolares por meio da observação direta da realidade.

Os resultados evidenciaram que a vivência no MUSA favoreceu uma aprendizagem significativamente mais contextualizada, possibilitando aos estudantes compreender conceitos relacionados à paisagem, biodiversidade, clima, floresta amazônica, conservação ambiental e organização do espaço geográfico de maneira concreta, crítica e interdisciplinar. A experiência mostrou que a aprendizagem torna-se mais significativa quando o estudante deixa de ser apenas receptor de informações e passa a construir conhecimentos a partir da investigação do espaço vivido.

Além dos ganhos para os estudantes, a atividade também fortaleceu significativamente a formação inicial dos licenciandos participantes do PIBID. A participação em todas as etapas da aula de campo proporcionou experiências fundamentais para a construção da identidade docente, permitindo compreender que ensinar Geografia envolve criar situações que aproximem o conhecimento científico da realidade vivenciada pelos alunos.

Outro aspecto relevante refere-se à valorização dos espaços não formais de educação, como o Museu da Amazônia, que se consolidou como um importante laboratório



ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1674803

pedagógico para o ensino de Geografia. A integração entre escola, universidade e instituições voltadas à divulgação científica amplia as possibilidades metodológicas e fortalece práticas educativas voltadas à construção da cidadania e da consciência ambiental.

Os registros produzidos pelos estudantes evidenciaram que a experiência contribuiu não apenas para a aprendizagem dos conteúdos curriculares, mas também para o desenvolvimento da percepção ambiental, da capacidade de observação, da argumentação crítica e do sentimento de pertencimento em relação ao patrimônio natural amazônico. A comparação entre a floresta preservada e a expansão urbana despertou reflexões importantes sobre os desafios da conservação ambiental em uma metrópole inserida na Amazônia.

Dessa forma, conclui-se que atividades de campo como a realizada no Museu da Amazônia devem ser incorporadas de forma mais frequente ao planejamento escolar, uma vez que ampliam as possibilidades de aprendizagem, fortalecem a formação cidadã e aproximam os estudantes da realidade socioambiental em que estão inseridos.

Referências

CALLAI, Helena Copetti. A geografia e a escola. Ijuí: Unijuí, 2005.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID); à Universidade Federal do Amazonas (UFAM); à Escola Estadual Ruy Araújo; ao Museu da Amazônia (MUSA), pela recepção durante a atividade; ao professor supervisor Zilmar Lima da Silva e aos demais colegas do PIBID pela colaboração.